

*escrevendo*

Por João Mosca

## Agora já temos a DÉCADA DOURADA

As frases a economia de Moçambique vai bem e que estamos no caminho do progresso são repetidas nos discursos oficiais. Agora surge um novo slogan, vindo do Presidente de uma das maiores empresas portuguesas com perspectivas de grandes interesses no país. Disse, sem ser discreto do seu percurso profissional de mais 40 anos em vários pontos do mundo, que Moçambique teve uma década dourada. Entretanto, mais um prémio, neste caso da Câmara de Comércio Moçambique - Portugal, foi atribuído ao Presidente da República como um grande promotor das relações económicas entre os dois países. Este texto não se refere aos sucessivos prémios entregues ao Senhor Presidente. Também não se pretende especular sobre as causas/motivações específicas do discurso do empresário português.

Este texto procura refutar essas frases e argumentar que Moçambique não é macroeconomicamente estável, não está no caminho do progresso e não teve qualquer época dourada na sua história (incluindo a última). É um objectivo amplo para o limitado espaço disponível. Os dados estatísticos apresentados são de fontes oficiais e utilizadas com total seriedade e integridade ética. Veja-se então:

- Moçambique cresceu na última década entre os 6 e 9%, sendo que os sectores que mais aumentaram foram os de serviços (finanças, transportes e comunicações, comércio e hotelaria). Os que menos cresceram foram os sectores produtores de bens (pescas, indústria manufacturera e agricultura), o que revela uma terciarização da economia e a perda de importância do tecido produtivo de bens e das pequenas e médias empresas. Segundo o Banco Mundial, o PIB valorizado em dólares em 2009 e 2010 demonstra um crescimento negativo da economia, o que é uma novidade contrária aos discursos, incluindo das organizações internacionais.
- Segundo um estudo da Agência Francesa de Desenvolvimento, as poupanças líquidas são em média de -14% do PIB, o que anularia e tornaria o crescimento económico negativo durante os últimos anos.
- Os recursos doados pela cooperação representam entre 15 e 19% do PIB. Moçambique é um dos países que mais ajuda recebe em África e são reais os sinais de subserviência

política.

- Moçambique faz parte dos 5% de países menos competitivos de entre as economias avaliadas pela organização internacional especializada (World Economic Forum). Os sinais de melhoria são muito ténues.
- Moçambique tem melhorado o ambiente de negócios, permanecendo entre os 25-30% de países com pior indicador de entre as economias avaliadas pelo Banco Mundial. Será esta melhoria resultante de maiores facilidades, eficiência e eficácia do tecido produtivo, dos centros de decisão e da administração pública e do ambiente e estabilidade económica, ou é consequência de uma maior desregulação, menor fiscalização e mais corrupção "facilitando" os negócios, sobretudo os associados aos grandes investimentos?
- O crescimento económico é quase que totalmente absorvido pelo consumo que representa menos de 5% do PIB. O investimento bruto na primeira década deste século variou entre 15 e 21%, do qual, 95% é financiado pelo investimento directo estrangeiro e por empréstimos (na maioria externos).
- A inflação varou entre 4 e 12%; nos países desenvolvidos, quando a taxa supera os 3%, todas as luzes de crise se acendem.
- As taxas de juros para investimento variaram na "década dourada" entre 16 e 20%; por certo que os investidores não acham esta taxa incentivadora e por isso procuram empréstimos no exterior ou, mais comumente, beneficiam-se das linhas de crédito e dos empréstimos intergovernamental.
- O investimento directo estrangeiro tem aumentado significativamente. Porém, apenas os 10 maiores projectos concentram cerca de 65% do total do investimento realizado em mega projectos pouco geradores de emprego?
- O défice público sem recursos externos foi de entre 14 e 21% muito superior aos 3% considerados aceitáveis. As ajudas e donativos reduzem ficticiamente o défice para cerca de 1%. Um dos elementos da crise nos países do sul da Europa é o défice público (acima de 5%) e os juros da dívida soberana que despertaram as sirenes de crise quando ultrapassaram os 5-6%.
- A balança comercial é cronicamente negativa

com tendência ao agravamento e portanto, a taxa de cobertura (exportações/importações, em percentagem) é cada vez menor. Entre 50 e 60% das exportações são provenientes do alumínio. Cerca de 70% das exportações são de grandes projectos e os seis principais produtos representam cerca de 80% das exportações. É isto bom para uma economia? A pobreza absoluta alcança 57,7% com um importante aumento do número de pobres (perto 13 milhões, cerca de 1,7 milhões mais que em 2002) e com dinâmicas de aprofundamento das desigualdades sociais. Logo, o mercado interno é de baixa escala e muito segmentado reflectindo uma sociedade profundamente desigual e sem formação de uma classe média.

O Índice de Percepção da Corrupção tem aumentado, colocando Moçambique entre os 25-35% de países mais corruptos de entre os avaliados pela Transparency Internacional.

Em quase todos os indicadores apresentados, existiu uma tendência para o agravamento ou ligeiras melhorias. As variabilidades inter- anuais são grandes na maioria dos indicadores. Não há sinais de transformação estrutural da economia não só na última década como nos últimos 40 anos.

Face ao exposto pode-se facilmente refutar as frases acima indicadas. Então a pergunta é: **por que se faz esse discurso? Três respostas inter-relacionadas: (1) uma, para o discurso interno; (2) a segunda, para as organizações financeiras internacionais (IFI); e, (3) finalmente, para os grandes empresários estrangeiros.**

No primeiro caso existem várias razões/motivações, podendo-se destacar:

- A transmissão de uma mensagem de aber-

tura e confiança à cooperação e ao investidor externo.

A manipulação da opinião pública interna onde existe um elevado grau de illiteracia (sobretudo de conhecimento, informação e sentido crítico), sobre o bom desempenho da economia e ainda o objectivo de aumentar, através de slogans vazios, a auto estima nesta pátria amada, pérola do Índico. Porém, perante a rudeza da realidade este discurso tem cada vez menos credibilidade.

Quando às instituições financeiras internacionais, pretende-se:

- A continuação da compensação de Moçambique pelo êxito da paz e da estabilidade política (bastante aparente), pelo contributo do país na estabilização da África Austral e o seu papel na resolução de conflitos.
- A legitimação das políticas económicas "sugeridas" (entre outras e muitas vezes impostas), perante os resultados negativos na maioria dos países onde é mais difícil manipular a opinião pública.
- A adopção de uma estratégia de redução da dependência (muito custosa para os países doadores em crise), reduzindo a cooperação e substituindo-a pelo investimento estrangeiro, considerando que existe a consciência que a retirada rápida dos recursos externos levaria Moçambique a uma catástrofe económica, social e política.

Relativamente aos investidores externos, as motivações podem ser, em resumo, a obtenção de benefícios fiscais, a criação de facilidades de investimento e de operação, a concessão de excepções no cumprimento da lei e assegurar alianças com o poder político, factor importante para fazer negócios em Moçambique.

Em resumo é a conhecida tripla aliança: (1) Estado; (2) organizações financeiras internacionais e cooperação; e, (3) capital externo. Onde está a aliança com o povo e com os empreendedores nacionais?

Quando ao discurso da década dourada recordo-me a frase de um amigo: quando algumas pessoas dos países desenvolvidos passam o equador (que divide geograficamente fisicamente o planeta sensivelmente a meio) pensam que ficam com o umbigo no centro do mundo.



## Há vontade política! (2)

Como dizia, de nada vale dizer ao cidadão que não fique à espera do governo quando este pouco ou nada faz para que o cidadão, realmente, não fique à sua espera! Os que estão na dianteira dos destinos do País devem fazer a sua parte, devem desenvolver uma musculatura que se traduza numa vontade política, visível aos olhos de todos, direccionada para a resolução dos problemas que já toram, há muito, identificados. É que estes, uma vez mapeados e bem conhecidos, exigem que o passo seguinte seja a sua solução. O problema é que passamos a vida a tentar identificar os problemas que o País possui quando os mesmos, vezes sem conta, já foram repetidamente arrolados.

Por que razão isto acontece com maior frequência? Procura-se uma solução técnica ou uma solução política? Procura-se fazer tempo em relação ao mandato? Pode ser uma tentativa ou um golpe político para dar a entender que há uma preocupação enorme por parte do executivo em querer auscultar os problemas que inquietam os moçambicanos. Se isto serve como hipótese também vale dizer que não é mais do que uma governação possível num dos países mais pobres do mundo. Assim, então, surge uma entre as várias questões possíveis: onde ficam a criatividade, o comprometimento com a verdade e a coragem política para que, de facto, avancemos rápida e firmemente no desenvolvimento do País?

Muito pode ser feito com um pouco de coragem e vontade política. Por exemplo, será que todas as revelações da Wikileaks são manobras

de diversão, pura invenção ou ficção científica? É possível Moçambique abandonar o segundo lugar, depois da Guiné-Bissau, como corredor de narcotráfico oriundo da Ásia e América Latina destinados à África do Sul e à Europa. De onde virá a coragem política? Do primeiro gato de que vos falei, no início, ou do segundo?

Os tabus criados pela "revolução" como, por exemplo, o doentio culto de personalidade, devem ser rompidos em nome do desenvolvimento do País. É preciso acarinhar os que trabalham e não escorraçá-los com artimanhas políticas só porque o lado técnico abana o político, aliás, um grupinho de políticos. E este ponto, involuntariamente, remete-nos aos feitos de Comiche, ao seu projecto e do seu grupo de trabalho.

Ele, o Davis Simango, os edis que por força de uma razão diabolicamente obscura vão "renunciando", e tantos outros casos, mandam-nos parar para pensar: é isso que queremos? De facto, esse culto dá cabo ao desenvolvimento do País. E, a ditadura, a bajulação, a despropositada exaltação da figura do "chefe", etc., assim não podem parar; a inércia continua forte e com tendências próprias.

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2010, Moçambique encontra-se posicionado em 165º lugar. Abaixo, e no mesmo grupo de países de desenvolvimento humano baixo, encontram-se o Burundi, o Níger, RDC e Zimbábue. Sendo assim, urge questionar: há ou não vontade política para desenvolver o País? (cont.)



Tanglomanglo

Fernando Manuel

## A assassina

Carrega comigo, às costas, há 47 anos um segredo, um estigma que me vem desde aos 17 anos. Nesta idade envenenei mortalmente o meu padastro, que na altura, devia ter 51 anos. Não guardo remorsos.

Nem poderia guardá-los. Hoje, nas mesmas circunstâncias, seria capaz de fazer exactamente o mesmo: matá-lo. No fundo ele fez-me um mal pior que toda morte. Roubou o bem mais precioso que uma menina pode ter aos 16 anos na terra onde nasci. A minha virgindade.

Se tivesse sido por mútuo acordo, tudo bem. Mas não, ele violou-me de uma forma animal, com cérebro toldado pela doze cavalares de aguardente de massala que tinha bebido ao longo de todo o dia.

Envenenei-o. Mas a minha vontade teria sido cortá-lo em pedaços com uma catana. A questão é que não suportei ver sangue.

Quando a minha mãe voltou de Massangena onde tinha ido ao enterro de uma tia, o meu padastro jazia de costas lucrate que lhes servia de

cama com a barriga mais inchada que o balão do cú do mundo.

Acho que ela deduziu o que se tinha passado porque, não me perguntou nada.

Carrego este segredo, este estigma desde aos 17 anos e só agora quando vejo a idade madura aproximar-se é que tenho coragem de trazer a luz do dia: sou uma assassina.

Mas no meu lugar quem o não seria? Do resto tenho um comportamento exemplar e sou até uma defensora acérrima dos direitos humanos.

Por razões óbvias. Não sou uma assassina arrependida: pelo contrário, nas mesmas circunstâncias, hoje faria exactamente o mesmo.

Ou corísegues imaginar um homem de 51 anos, bêbado de tontono a penetrar-te violentamente aos 16 anos e sentires o seu sangue, o teu próprio sangue quente e viscoso a escorrer-te pelas costas, sem um grito de dor e sem possibilidade de defesa?